

## *Os Sapatos Vermelhos*



Era uma vez uma rapariguinha, muito fina e graciosa, que de Verão tinha de andar sempre de pés descalços, pois era pobre, e de Inverno com grandes tamancos de pau, de modo que os pequeninos peitos dos pés ficavam todos vermelhos, o que era horroroso.

No meio da aldeia de camponeses, morava a idosa mãe do sapateiro. Sentou-se esta a coser, tão bem quanto sabia, um par de sapatinhos de uns restos velhos de roupa vermelha, bastante toscos, mas feitos de boa vontade e estes teve a rapariguinha de aceitá-los. A rapariguinha chamava-se Karen.

Precisamente no dia em que a mãe foi a enterrar, recebeu ela os sapatos vermelhos que assim foram estreados. Não eram precisamente algo que fosse próprio para o luto, mas não tinha outros e assim caminhou com eles e sem meias atrás do pobre caixão feito de palha.

Passou nesse momento uma carruagem grande e velha e nela ia sentada uma grande dama também velha que viu a rapariguinha e teve pena dela e disse assim ao sacerdote:

– Oiça, dê-me a rapariguinha, que tratarei bem dela!

E Karen julgou que foi tudo por causa dos sapatos vermelhos, mas a velha dama disse que eram horrorosos e foram queimados. Karen, porém, foi vestida dos pés à cabeça, teve de aprender a ler e a coser e a gente dizia que era graciosa, mas o espelho dizia:

– És mais que graciosa, és linda!

Então, uma vez, a rainha fez uma viagem através do país e consigo trouxe a filhinha que era uma princesa. O povo correu para defronte do palácio e lá se encontrava também Karen. A princesinha estava de pé com um fino vestido branco, a uma janela, deixando-se assim admirar. Não tinha nem cauda nem coroa de ouro, mas calçava belos sapatos de marroquim vermelho. Eram certamente bem mais bonitos do que aqueles que a mãe do sapateiro cosera para a Karenzinha. Nada no mundo se podia comparar verdadeiramente àqueles sapatos vermelhos!

Karen estava agora na idade de ser confirmada. Recebeu novos vestidos e também ia ter sapatos novos. O sapateiro chique da cidade tomou as medidas do seu pezinho. Era confortável a loja deste e aí havia caixas grandes, de vidro com lindos sapatos e botas lustrosas. Tinha tudo um aspecto encantador, mas a velha senhora não via bem, e assim não tinha nenhum prazer nisso. No meio dos sapatos estava um par vermelho tal e qual o que a princesa trouxera. Como eram bonitos! O sapateiro disse também que tinham sido feitos para a filha dum conde, mas que não lhe serviam.

– É de bom polimento! – disse a velha senhora. – Brilham!

– Sim, brilham! – disse Karen. E serviam-lhe e foram comprados. Mas a velha senhora não sabia que eram vermelhos, pois nunca teria permitido a Karen ir à Confirmação com sapatos vermelhos, mas foi.

Toda a gente olhava para os seus pés, e quando subiu da nave para a entrada do coro, parecia-lhe que

até mesmo as velhas figuras nas sepulturas, aqueles retratos de Pastores e mulheres de Pastores com rígidas golas e longas vestes negras fixavam os olhos nos sapatos vermelhos e só nestes pensava ela, quando o Pastor lhe pôs a mão sobre a cabeça e falou do santo baptismo, do pacto com Deus e que ela iria ser agora uma ser cristã crescida. E o órgão tocava solenemente, as belas vozes das crianças cantavam e o velho chantre cantava, mas Karen pensava só nos sapatos vermelhos.

À tarde a velha senhora soube por toda a gente que os sapatos eram vermelhos e disse que isso era feio, que não eram próprios e que Karen daí por diante, quando fosse à igreja, deveria ir sempre com sapatos pretos, mesmo que fossem velhos.

No domingo seguinte foi a Comunhão e Karen olhou para os sapatos pretos, olhou para os vermelhos... e voltou a olhar para os vermelhos e calçou-os.

Estava um belo dia de sol. Karen e a velha senhora foram por um atalho através dum campo de trigo e aí havia um pouco de pó.

À porta da igreja encontrava-se um velho soldado com uma muleta e com uma barba maravilhosamente comprida, que era mais ruiva que branca. Já tinha sido completamente ruiva. E este curvou-se todo até ao chão e perguntou à velha dama se podia limpar-lhe os sapatos. E Karen estendeu também o seu pezinho.

– Olha! Que lindos sapatos de baile! – disse o soldado. – Agarre-os bem quando dançar! – e bateu com as mãos nas solas.

E a velha senhora deu ao soldado um pequeno xelim e entrou com Karen na igreja.

E toda a gente aí olhou para os sapatos vermelhos de Karen e todas as figuras olharam para eles, e quando Karen se ajoelhou diante do altar e pôs o cálice de ouro diante da boca, só pensou nos sapatos vermelhos e era como se flutuassem no cálice diante dela, esquecendo-se de cantar o seu Salmo, esquecendo-se de recitar o Padre-Nosso.

Depois saiu toda a gente da igreja e a velha subiu para a carruagem. Karen levantou o pé para subir atrás dela, quando o velho soldado que estava perto disse:

– Olha que lindos sapatos de baile!

E Karen não pôde resistir, teve de fazer alguns passos de dança e quando começou, puseram-se as pernas a dançar. Era como se os sapatos tivessem tomado o domínio sobre estas. Dançou à volta da esquina da igreja, não podia deixar de fazê-lo. O cocheiro teve de correr atrás dela e agarrá-la, levando-a para dentro da carruagem, mas os pés continuavam a dançar, dando cruelmente pontapés na boa e velha senhora. Por fim, os sapatos saltaram dos pés e as pernas tiveram repouso.

Em casa os sapatos foram postos num armário, mas Karen não podia resistir a vê-los.

Depois, a velha senhora caiu doente, diziam que não viveria muito. Tinha de ser tratada e vigiada e para isso nenhuma pessoa havia mais próxima do que Karen. Mas lá na cidade ia realizar-se um grande baile. Karen foi convidada... Olhou para a velha senhora que certamente não iria viver mais, olhou para os sapatos vermelhos e pareceu-lhe que não havia qualquer pecado nisso... Calçou os sapatos vermelhos, bem podia fazê-lo... mas foi ao baile e começou a dançar.

Mas quando queria ir para a direita, os sapatos dançaram para a esquerda e quando queria ir chão acima, dançaram os sapatos chão abaixo, escadas abaixo, pela rua e para as portas da cidade. Dançar fizeram-na e de dançar teve até ao bosque sombrio.



Então brilhou algo por cima das árvores e ela julgou que era a lua, pois havia um rosto, mas era o velho soldado com a barba ruiva. Estava sentado, acenou e disse:

– Olha! Que lindos sapatos de baile!

Então ficou assustada e quis lançar fora os sapatos, mas estavam pegados e ela puxou com força as meias para fora, mas os sapatos estavam completamente fixados aos pés. E dançou e teve de dançar por campos e prados, à chuva e ao sol, de noite e de dia, mas de noite era mais terrível.

Dançou dentro do cemitério aberto, mas os mortos não dançaram, era bem melhor para eles repousar do que dançar. Queria sentar-se sobre a campa do pobre, onde a atanásia amarga crescia, mas para ela não havia descanso nem repouso, e quando dançava em direcção à porta da igreja aberta, viu um anjo com longas vestes brancas e asas que lhe chegavam dos ombros ao chão. O rosto era severo e grave, e nas mãos segurava uma espada, larga e brilhante.

– Dançarás! – disse ele. – Dançarás com os teus sapatos vermelhos até ficares pálida e fria! Até que a pele se enrugue como uma múmia! Dançarás de porta em porta e onde vivam crianças orgulhosas e vaidosas, baterás à porta, para que te oiçam e tenham medo de ti! Dançarás, dançarás!

– Misericórdia! – gritou Karen. Mas não ouviu o que o anjo respondeu, pois os sapatos levaram-na através das ruas para fora, para o campo, por caminhos e atalhos, e teve sempre de dançar.

Uma manhã passou a dançar por uma porta que conhecia bem. Lá de dentro vinha o som de salmos, traziam um caixão para fora, coberto de flores, Soube assim que a velha senhora morrera e pareceu-lhe que estava agora abandonada por todos e amaldiçoada pelo anjo de Deus.

Dançou e teve de dançar, dançar na noite escura. Os sapatos levaram-na daí sobre espinhos e silvas, rasgando-a até sangrar. Continuou a dançar na charneca até uma casinha isolada. Aí – sabia ela – morava o carrasco e bateu com as pontas dos dedos na vidraça, dizendo:

– Venha cá fora... venha cá fora!... Não posso entrar porque estou a dançar!

E o carrasco disse:

– Sabes bem quem eu sou! Corto a cabeça aos homens maus e posso informar que o meu machado está bem afiado.

– Não me cortes a cabeça! – disse Karen. – Porque então não posso arrepender-me do meu pecado! Mas corta-me os pés com os sapatos vermelhos!

E confessou-lhe todo o seu pecado e o carrasco cortou-lhe os pés com os sapatos vermelhos, mas os sapatos continuaram a dançar com os pezinhos sobre os campos lá para dentro do fundo bosque.

E ele fez-lhe pés de pau e muletas, ensinou-lhe um salmo que os pecadores cantam sempre e ela beijou-lhe a mão que guiara o machado e dali foi pela charneca fora.

– Sofri agora bastante pelos sapatos vermelhos! – disse. – Vou à igreja para que possam ver-me! E foi tão depressa quanto pôde para o portal da igreja, mas quando lá chegou, dançavam os sapatos vermelhos diante dela, ficou assustada e fugiu.

Toda a semana esteve pesarosa e chorou muitas lágrimas pesadas, mas quando veio o domingo, disse:

– Ora bem! Sofri e lutei agora bastante! Posso crer que sou tão boa como muitos daqueles que se sentam de cabeça levantada lá dentro da Igreja!

E assim se encorajou, mas não foi mais longe do que a rua que dava para a igreja, quando viu os sapatos vermelhos a dançarem diante dela e teve medo e fugiu, arrependendo-se verdadeiramente no coração do seu pecado.

E dirigiu-se ao presbitério e pediu para aí prestar serviço. Prometeu ser diligente e fazer tudo o que pudesse, não queria salário, só poder ter um tecto para se abrigar e estar com gente boa. E a mulher do presbítero teve pena dela e deu-lhe trabalho. E foi diligente e atenciosa. Sentava-se sossegada a ouvir, quando à noite o pastor lia em voz alta a Bíblia. Todos os pequenos da casa gostavam dela, mas quando as meninas falavam de vestidos e de luxo e em serem bonitas como uma rainha, abanava a cabeça.

No domingo seguinte foram todos à igreja e perguntaram-lhe se não queria vir também, mas ela olhou triste, com lágrimas nos olhos, para as muletas e assim saíram os outros a ouvir a palavra de Deus. Foi sozinha para o seu quatinho. Não cabia nele mais do que a cama e uma cadeira e aí se sentou com o seu livro de salmos. E precisamente quando com devoção o lia, o vento trouxe os sons de órgão da igreja até ela e ergueu com lágrimas o rosto e disse:

– Oh! Meu Deus, ajuda-me!

Então, brilhou o sol tão luminoso e precisamente diante dela apareceu o anjo de Deus em vestes brancas, que naquela noite vira à porta da igreja, mas não trazia já a espada aguçada, antes um belo ramo verde cheio de rosas e agitou com ele o tecto e este ergueu-se muito alto, e onde tinha tocado brilhou uma estrela de ouro. E tocou nas paredes e estas alargaram-se, e ela ouviu o órgão que soava, viu as velhas figuras dos pastores e das mulheres dos pastores. A congregação sentava-se em cadeiras com lavores, cantando salmos do livro de salmos... Pois a própria igreja veio até à pobre rapariga no quarto pequenino e estreito ou tinha ela vindo a esta. Estava sentada nas cadeiras das pessoas da família do pastor e quando estas terminaram o salmo e olharam para cima, acenaram-lhe e disseram:

– Fizeste bem em vir, Karen!

– Era a Misericórdia! – disse ela.

E o órgão soou e as vozes das crianças em coro soavam suaves e belas! A clara luz do sol jorrava muito quente através da janela sobre a cadeira da igreja, em que Karen estava sentada. O coração ficou tão cheio de luz de sol, de paz e de alegria que rebentou. A alma voou na luz do sol para Deus, e ninguém houve aí que lhe perguntasse pelos sapatos vermelhos.